

## **O PARTENON LITERÁRIO E SUA REVISTA**

### **A formação do campo literário no Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX**

Charles Monteiro (Doutor em História Social/PUCRS)<sup>1</sup>

A formação do Rio Grande do Sul, espaço geográfico situado nas fronteiras meridionais do Brasil, foi marcado pelas lutas de conquista do território e pelas guerras de fixação das fronteiras. O predomínio das atividades militares ao longo do século XIX - Guerra da Cisplatina, Revolução Farroupilha e Guerra do Paraguai - prejudicou o crescimento econômico e deixou em segundo plano as preocupações com a promoção das letras e das artes na província.

O contexto de instabilidade política e militar até a metade do século XIX não foi favorável nem para a formação de um sistema literário nem para a produção cultural em geral. Os jornais de maior longevidade foram aqueles identificados com os partidos políticos, de escasso conteúdo cultural ou literário.

A província tinha contribuído na defesa do Império nas guerras de formação do território e na manutenção da unidade nacional, mas não tinha ainda dado uma contribuição significativa para a escrita da história pátria e, tampouco, para a constituição de uma literatura nacional.

As iniciativas pioneiras enfrentaram problemas financeiros e técnicos para sua sobrevivência para além de alguns números (RÜDIGER, 1993; SILVA, CLEMENTE, BARBOSA, 1986). Os poucos recursos locais disponíveis estavam direcionados para outras áreas. O Censo de 1872, indica que 75,94% da população da província era iletrada (FEE, 1981: 80).

A incipiente capital não apresentava ainda condições de proporcionar aos seus habitantes espaços de lazer e de educação financiados pelo governo da província e pela câmara municipal. As diversões estavam restritas ao entrudo, às festas religiosas, às procissões e às sociabilidades de foro privado, como os saraus. As autoridades públicas somente eram responsáveis pelas escolas de primeiras letras, inexistindo qualquer iniciativa para a implantação de uma instrução secundária ou superior. Somente com o término da Guerra dos Farrapos, por iniciativa do Duque de Caxias, seria apresentada a proposta de criação de um Liceu (ARRIADA, 2007: 52).

---

<sup>1</sup> Pós-Doutorado em História Social e Cultural da Arte (Université de Paris 1 – Panthéon Sorbonne), Professor Adjunto atuando nos Programas de Pós-Graduação em Letras (Escrita Criativa) e História (Linha de Pesquisa Sociedade, Arte e Ciência) da Escola de Humanidades da PUC-RS, Pesquisador PQ 2 do CNPq.

Porém, novas condições mudariam gradualmente esta realidade com o advento de uma nova geração de cidadãos cultos nascidos após a guerra de 1835-45, no contexto de crescimento econômico, populacional e urbano da segunda metade do século XIX no Rio Grande do Sul.

Em 1853, funda-se a Escola Militar; em 1855, cria-se a Sociedade Musical Porto-alegrense idealizada pelo maestro mineiro José Joaquim Medanha; em 1858, abrem-se as portas do Theatro São Pedro. Como afirma Rüdiger (1993), a sociedade civil começava a se complexificar nessa época, pois surgiam novas necessidades culturais e uma camada intelectual estava em formação. As preocupações com a cultura, as ciências e as humanidades se delineavam, motivando a procura por material de leitura e atualidades.



Luiz Terragno (1831-1891). Theatro São Pedro e Praça da Matriz. ca. 1865. Fonte:

Enciclopédia Itaú Cultural. Link:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22141/luiz-terragno> Acesso: 3 jun. 2019.

A partir dos poucos registros fotográficos de Porto Alegre remanescentes deste período, é possível observar a precariedade da área central da cidade. Um dos principais espaços da capital, em frente ao Palácio do Governo e da Assembleia, o

Largo da Matriz não era calçado, não possuía chafariz, arborização ou outra benfeitoria significativa, como pode-se observar na fotografia de Luiz Terragno de cerca de 1865, que fora produzida com a intenção de dar uma imagem favorável da capital para visitantes estrangeiros.

O *Guaíba* foi o primeiro jornal literário gaúcho, fundado em 1856, circulou até 1858 (PÓVOAS, 2017). Entre seus colaboradores de destaque estava Felix da Cunha, que será um dos letrados que merecerá a publicação de um estudo biográfico e uma gravura na *Revista Mensal do Partenon Literário*.

Em 1867, publica-se a revista de caráter literário *Arcádia* na cidade de Rio Grande, que circulou até 1870. Foi dirigida por Antônio Joaquim Dias e contava entre os seus colaboradores com os irmãos Apolinário, Aquiles e Apeles Porto Alegre, Bernardo Taveira Junior e Glodomiro Paredes. Apolinário foi uma figura de destaque e também de ligação entre as duas publicações literárias: *Arcádia* e da *Revista Mensal do Partenon Literário*.

Nos passos de *Arcádia* surgiram ainda *Murmúrios do Guaíba* (1870) e *Ensaios Literários* (1875-1877) com uma circulação mais reduzida e menor influência na formação das letras sul-rio-grandenses.

A fundação da Sociedade Partenon Literário em 18 de junho de 1868, foi a culminância dos esforços de vários intelectuais sul-rio-grandenses para constituir um espaço de produção literária, artística e científica no Rio Grande no Sul no século XIX. Ela foi precedida pela criação do Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro (IHGPSP), criado em 1860 e que teve suas atividades encerradas em 1863. Seus fundadores pretendiam contribuir para a escrita da História do Brasil a partir da reunião, sistematização e publicação de documentos sobre a História Regional (LAZZARI, 2004).

Alguns dos nomes de destaque que compunham aquele Instituto voltaram a se reunir para fundar a Sociedade Partenon Literário, especialmente José Antonio do Valle Caldre e Fião, médico de formação, político liberal, abolicionista, escritor e jornalista que fundou e dirigiu o jornal *O Filantropo* entre 1849 e 1851. Ele será um dos letrados de projeção nacional que emprestam seu prestígio para a criação da Sociedade Partenon Literário, tornando-se seu presidente de honra. Representa um elo de ligação entre a tentativa anterior de criação do IHGPSP e a criação desta nova sociedade de letrados, conduzida por jovens escritores na intenção de estabelecer um espaço de produção de uma literatura genuinamente rio-grandense e de sociabilidade (ou de civilização, visto o nome de “Partenon” escolhido para a Sociedade). O Programa da Sociedade publicado no primeiro número da *Revista Mensal*, em março de 1869, afirmava que:

O Partenon criou uma tribuna, para a pugna e a oratória; uma biblioteca, onde se reunirá as obras mais importantes relativas à grandiosa trindade de seus estudos; filosofia; história e literatura; as aulas noturnas para os sócios que quiserem dedicar-se sem dificuldades ao granjeio da ciência e afinal uma revista, tão necessária, como as outras criações.

A Sociedade Partenon Literário pretendia ser um espaço de produção cultural artística e científica independente, sem filiação partidária, porém aberto ao debate das questões locais. No discurso que proferiu na cerimônia de inauguração da sociedade, Apolinário Porto Alegre advertia seus colegas contra os fanatismos industrial e político, que seriam inimigos das letras e da inteligência. Ou seja, seu discurso reivindicava a autonomia da esfera cultural e literária frente à política partidária, independente das recompensas materiais em prol de uma missão pedagógica civilizatória.

No entanto, se a criação da Sociedade pretendia instituir um campo literário autônomo no Rio Grande do Sul, ela também legitimava a participação dos sócios efetivos nos debates políticos locais e a postularem cargos públicos na área do ensino e da cultura. Entre os fundadores do Partenon e os membros mais ativos, a maioria era composta de professores de escolas públicas e privadas (Apolinário, Aquiles, Apeles, Hilário Ribeiro, Vasco de Araujo e Silva, Afonso Luis Marques, Luciana Abreu), de jornalistas e de funcionários públicos como Aurélio Viríssimo de Bittencourt e José Bernardino dos Santos. A independência da entidade frente o governo da província também era relativa, pois os sócios recorreram ao apoio das autoridades para obterem a doação do terreno para a construção da futura sede própria da sociedade.

A galeria de sócios, cuja idade variava entre 20 e 30 anos, também apresentava mulheres como Luciana de Abreu (foram 6 no total) e afrodescendentes como Aurélio Viríssimo de Bittencourt. Este último expulso foi expulso junto com Mucio Teixeira, em 1872, quando fundam a efêmera Sociedade Literária.

A Sociedade participou ativamente das campanhas abolicionistas, promovendo espetáculos de teatro para arrecadar fundos que permitissem a alforria de escravos (estima-se que teriam sido cerca de 50). O republicanismo não era uma unanimidade entre os sócios, mas Apolinário Porto Alegre, um dos membros mais efetivos nas reuniões e na quantidade de publicações, foi um dos fundadores do Partido Republicano Rio-Grandense. Do qual, posteriormente, se afastou por divergências em relação ao autoritarismo político de Júlio de Castilhos.

A Sociedade instituiu uma tribuna de oratória na qual se debatiam temas como a indissolubilidade do casamento, a pena de morte e qual seria a razão para as mulheres não gozarem da mesma liberdade do homem. Realizaram saraus com sessões líricas, musicais e literárias. Os saraus eram muito concorridos, agregando a sociabilidade à

cultural, possibilitavam a participação de mulheres, numa época em que os espaços de instrução e de participação social feminina eram muito restritos. Constituindo-se em um verdadeiro espaço de sociabilidade letrada e de formação de público para a literatura. As aulas noturnas foram uma de suas iniciativas mais duradouras da Sociedade, tendo sido suspensas por falta de recursos e pela inexistência de local próprio em 1884.

A *Revista Mensal* do Partenon Literário foi fundada em 1869 e publicada até 1879. O formato não apresentou variações externas e internas significativas para além da cor da capa e corpo do título da revista, com formato de 22,5x15 cm compunha-se de 40 páginas de texto e uma gravura. A Revista foi impressa nas oficinas gráficas de diferentes jornais da capital: Tipografia do *Jornal do Comércio* (1869), Tipografia de *A Reforma* (1872), Tipografia do *Constitucional*, etc. Com preço de 3 mil réis para a Capital 6 mil réis para o Interior. Possuía agentes representantes no Rio de Janeiro (B. L. Garnier) e em várias cidades do estado: Rio Grande (Apolinário Porto Alegre), Pelotas (Antonio Joaquim Dias), Triunfo (João Leite Pereira da Cunha), Rio Pardo (Manoel Ribeiro de Andrade e Silva), Cachoeira (Manoel dos Santos Guterres) e São Gabriel (Henrique de Castilho Maia).



Capas da Revista Mensal da Sociedade Parthenon Literário.

Teve quatro séries distintas nos 10 anos de sua existência: a primeira, de março a dezembro de 1869; a segunda de julho de 1872 a maio de 1876; a terceira de agosto a dezembro de 1877; e a quarta de abril a setembro de 1879. As suas seções variavam, mas publicava crítica literária, biografias, comentários, editoriais, crônicas, pareceres, discursos, teses, estudos acerca da história e da cultura gaúcha e criações literárias: romances em capítulos, novelas, contos, poesias e peças teatrais.

Não possuía propaganda ou publicidade em suas páginas, não havia trabalho gráfico de destaque na capa e também não fazia uso de letras tipográficas especiais ou

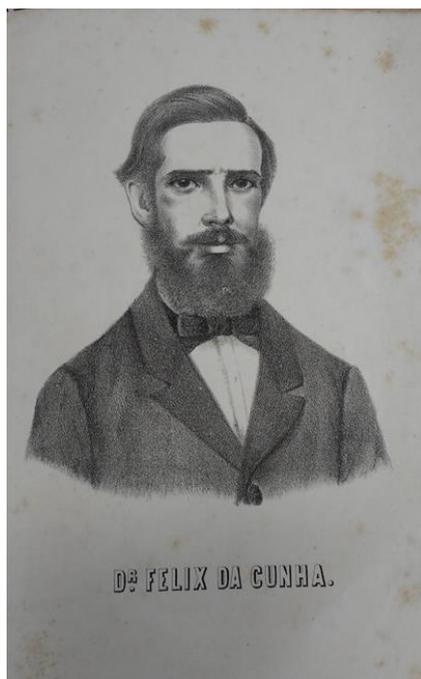
gravuras. As gravuras apresentam como procedência a Tipografia Wiedermann. A distribuição da *Revista Mensal* alcançava 25 cidades no estado e também chegava à Corte no Rio de Janeiro, demonstrando a capilaridade da rede de letrados e de escritores constituída pela Sociedade.

A cada edição um dos integrantes da comissão assumia a função de editor-chefe, se responsabilizando pela organização do volume, pela redação de um editorial e a "Crônica Mensal", que apresentava um relatório das atividades da sociedade e trazia notícias relevantes da província.

Segundo levantamento realizado por Mairim Linck Piva (2002), foram publicados na revista do Partenon 43 narrativas literárias de 21 autores diferentes. Com destaque para Caldre Fião, Apolinário Porto Alegre e Aquiles Porto Alegre. Já Alexandre Lazzari, em sua tese, contabiliza 70 autores para diferentes tipos de textos nos 71 exemplares consultados, com contribuições muito desiguais na quantidade de páginas (LAZZARI, 2004: 66). Esta discrepância diz respeito ao que pode ser considerado estritamente narrativa literário e a variedade de outros gêneros textuais presentes nas contribuições dos associados, como ensaio biográfico, ementário mensal, crônica, discursos e teses. Lazzari observa também o uso de pseudônimos pelos sócios em suas publicações, tais como Iriema (Apolinário Porto Alegre, 33 títulos) e Manfredo (Aquiles Porto Alegre, 38 títulos).

A crítica literária foi uma das áreas mais importantes de atuação da *Revista Mensal*, objetivando formar o gosto do público leitor e ensinar-lhe a discernir entre a boa e a má literatura. Essa crítica não se restringia aos aspectos literários, mas analisava também as qualidades morais propostas pelas obras, visto que a educação ética e cívica da população estava entre as preocupações principais do Partenon Literário.

Por meio dos "Esboços Biográficos" publicados na *Revista*, eram divulgados exemplos de conduta pública. Neles se fazia uma interpretação da história recente para tirar lições práticas para os cidadãos em consonância com uma visão da história *magistra vitae*. O Panteão dos homenageados construído pelos letrados da Província privilegiava os brasileiros "distintos por letras, armas e virtudes", seguindo o modelo elaborado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que servia tanto para conceder prestígio aos biografados quanto aos seus biógrafos (LAZZARI, 2004: 69).



Fonte: Revista Mensal do Partenon Literário.

Na tentativa de refundarem a consciência cívica para além das disputas partidárias, entre os biografados encontram-se tanto políticos liberais quanto conservadores, formando uma “comunidade imaginada”<sup>2</sup> de letrados dos rio-grandenses no seio da comunidade maior dos letrados brasileiros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sociedade extinguiu-se em 1885 devido a problemas financeiros, a falta de uma sede para as aulas noturnas (encerradas no ano anterior) e a divergências políticas entre os seus membros no contexto de crise do fim do Império e das lutas pela proclamação da República. O seu projeto cultural e político apartidário parecia datado naquele novo contexto de radicalização das ideias e das posições políticas.

Ao todo, cerca de 70 publicações jornalístico-literárias circularam no Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX, levando a público a produção literária que começava se proliferar (FERREIRA, 1975). A grande diferença da Sociedade Partenon Literário e da *Revista Mensal* em relação a iniciativas anteriores foi o tempo de duração e a regularidade das atividades, mesmo com a entrada e a saída de sócios, que segundo o levantamento realizado por Cassia Daiane Macedo da Silveira (2008) teria chegado a cerca de 300.

<sup>2</sup> No sentido de uma comunidade política imaginada, aproximando-se do parentesco e da religião. Ver ANDERSON, 2008.

A Revista mensal foi uma publicação estética e ideologicamente eclética, refletindo a composição heterogênea e os diferentes graus de preparo de seus membros. Propiciou um espaço de difusão de textos literários, a consagração de autores e a consolidação da crítica literária como uma atividade profissional distinta do jornalismo.

O Partenon e sua revista foram determinantes para a formação de uma nova geração de escritores, de um campo literário autônomo e de uma literatura sul-riograndense que valorizasse as realidades sulinas. O regionalismo literário defendido pelos escritores do Partenon pode ser entendido no contexto de uma luta maior visando contribuir para a constituição de uma literatura brasileira. Apesar do empenho de suas lideranças com o apoio do governo da Província nas várias iniciativas levadas a cabo para construção de uma sede própria para a Sociedade Partenon Literário, não foram obtidos resultados positivos.

Seu legado será reivindicado na fundação da Academia Rio-Grandense de Letras (1901), mas também a experiência da *Revista Mensal*, inspira a criação de novas revistas literárias e de variedades que tiveram papel de destaque na difusão de novos autores e artistas gráficos como *Kodak*, *Mascara* e *Madrugada* entre outros periódicos nos anos 1910 e 20.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARRIADA, Eduardo. *A Educação Secundária na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: a desoficialização do ensino público*. Porto Alegre, 2007. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul: 1868-1880*. Porto Alegre: EST, 1982.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: UFRGS: 1975.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. *De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul – Censos do RS 1803-1950*. Porto Alegre: FEE, 1981

LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria: literatos, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910)*. 2004. 363 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280642>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Narradores do Partenon Literário*. Vol. 3. Porto Alegre: IEL; CORAG, 2002.

PIVA, Mairim Linck. A Sociedade Partenon Literário e sua revista. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Narradores do Partenon Literário*. vol. 3. Porto Alegre: IEL; CORAG, 2002, pp. 27-26.

PÓVOAS, Mauro Nicolas. *Uma História da Literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Porto Alegre: Buqui, 2017.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: ED. UFRGS, 1993.

SILVA, Jandira M.M. da; CLEMENTE, Elvo et BARBOSA, Eni. *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense*. Porto Alegre: CORAG, 1986.

SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. *Dois pra lá, dois pra cá: Parthenon Litterario e as trocas entre literatura política na Porto Alegre do século XIX*. Porto Alegre, 2008. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. *Imprensa literária no Rio Grande do Sul no século XIX – Textos e contextos*. IN: Anais do XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/strelow-aline-imprensa-literaria-no-rio-grande-do-sul.pdf>. Acesso: 3 ago. 2018.